

Crise econômica deixa mulheres mais vulneráveis ao desemprego, à fome e à violência doméstica

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

As mulheres andaram 20 anos para trás nas contas da Organização das Nações Unidas e, no Brasil, os dados apontam na mesma direção. Uma em cada quatro mulheres sofreu algum tipo de violência nos primeiros 12 meses da pandemia, mostra pesquisa. Mulheres sofrem mais os impactos da pandemia. A crise econômica dos últimos dois anos deixou mulheres ainda mais vulneráveis ao desemprego, à fome e à violência doméstica. É 2022 e o mundo não é um lugar seguro para uma mulher entrevistada pelo JN. O agressor solto, e ela, presa pela síndrome do pânico - uma marca da violência, pelos cuidados da casa e do filho, pela perda da autonomia financeira. “Eu estou há praticamente oito meses sem trabalhar, sem ir ao meu local de trabalho. Eu estou trabalhando de casa, cuidando do meu filho, tentando fazer com que ele melhore”, conta. Desemprego, fome e violência doméstica afetaram ainda mais as mulheres — Foto: Jornal Nacional. É 2022, mas as mulheres andaram 20 anos para trás nas contas da Organização das Nações Unidas e, no Brasil, os dados apontam na mesma direção. Com a crise que veio com a pandemia, as mulheres foram as primeiras a ser demitidas, o que levou à perda de uma série de direitos fundamentais, como a segurança alimentar, que é a garantia de acesso regular e permanente a alimentos em quantidade e qualidade suficientes para a sobrevivência. Os economistas já estudam o fenômeno que chamam de “feminização da fome” para quase metade da população feminina, falta dinheiro para comprar comida. Entre os homens, a proporção é menor, de 26%. “Ou seja, as mulheres estão com mais dificuldade de se alimentar do que os homens, e isso acaba gerando consequências para as crianças. As crianças ficaram mais em casa, sem aula, as mulheres perderam capacidade de trabalhar por ter que ficar em casa cuidando da família”, explica Marcelo Neri, diretor da FGV Social. Uma em cada quatro mulheres sofreu algum tipo de violência nos primeiros 12 meses de pandemia. A maioria, dentro de casa, vítima do parceiro. E, ao contrário do que os próprios pesquisadores podiam imaginar, elas apontam como agravante da violência a queda da renda mais do que o isolamento social. No primeiro ano de pandemia, o governo federal não gastou nem do orçamento aprovado para as políticas de defesa da mulher. “Faltou política pública do Estado brasileiro de acolhimento para essa mulher que vive em situação de violência e faltaram as políticas especialmente de assistência social. Essa mulher, muitas vezes, não tem creche ou escola para o filho, ela perdeu o emprego, ela tem uma inserção informal no mercado de trabalho. Então, ela não tem a renda garantida”, afirma Samira Bueno, diretora-executiva do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Não é difícil concluir que as mulheres estão mais doentes, no físico e no mental. Uma pesquisa da USP feita nos primeiros meses de pandemia, com 3 mil voluntários, mostrou que a ansiedade, o estresse e a depressão atingiram bem mais mulheres que homens. Pesquisa da USP mostrou maior incidência de prejuízo à saúde mental em mulheres — Foto: Jornal Nacional. “Quando a gente pensa que hoje as mulheres são as responsáveis principais pela próxima geração e elas mesmas não estão conseguindo ser cuidadas nesse lugar, ou seja, que a sociedade vira as costas e penaliza a mulher que está cuidando da própria sociedade, o que a gente vai ver é um sofrimento disseminado, que vai afetar as próximas gerações e afetar os homens também”, ressalta a psicanalista Vera Iaconelli. Sobrecarregada de trabalho com processos de agressão contra mulheres, a advogada Gabriella Micaretta Machado não fez o jantar naquela noite. “Ele ficou nervoso, ele fez o comentário: ‘Eu estou com fome’. E eu falei: ‘Se ninguém cozinhar também, não tem comida’. Aí ele pegou e quebrou a tampa do meu computador, me empurrou da cadeira e depois ele me enforcou”, relembra. Gabriella Micaretta Machado foi agredida pelo ex-marido — Foto: Jornal Nacional. Ainda dói, mas Gabriela não é mais refém do ex-marido, condenado a cinco meses de prisão, em regime aberto. Uma mulher que pode trabalhar é mais livre. “Eu não sei se eu teria tomado a atitude que eu tomei se eu fosse dependente dele, mas eu tinha a minha carreira, tinha o meu dinheiro, tudo. Por mais que eu achasse que eu ia ter uma queda na

renda, no padrão de vida, eu ainda assim sabia que eu ia conseguir sozinha”, diz. O Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos afirmou que foram investidos cerca de R\$ 235 bilhões em políticas de atendimento às mulheres em 2021 - dinheiro que envolve também recursos de outras pastas.



1 de 3 Desemprego, fome e violência doméstica afetaram ainda mais as mulheres — Foto: Jornal Nacional
2 de 3 Pesquisa da USP mostrou maior incidência de prejuízo à saúde mental em mulheres — Foto: Jornal Nacional